

CADERNO NÚMERO DOIS DE

A SEREIA



REVISTA DE POESIA DE

PHILOBIBLION

RIO DE JANEIRO

Outubro de 1955



LIVRARIA
"EL ATENEO"
DO BRASIL LTDA.

UMA
ORGANIZAÇÃO
A
SERVIÇO
DO
LIVRO

AV. GRAÇA ARANHA, 81-A
Tels. 52-9487, 42-7596, 42-7585



LIVRARIA
"EL ATENEO"
DO BRASIL LTDA.

UMA
ORGANIZAÇÃO
A
SERVIÇO
DO
LIVRO

AV. GRAÇA ARANHÁ, 81-A
Tels. 22-0487, 42-2586, 42-2582

CARLOS RIBEIRO
LIVREIRO ANTIQUARIO

Mercador de livros, Estampas, Autógrafos

**Especialidade: Livros raros e
Livros antigos sôbre o Brasil**

LIVRARIA SÃO JOSÉ

Rua São José, 38

Rio de Janeiro

*

instituto de arte contemporânea

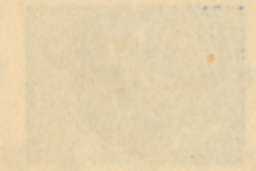
CAZES RIBEIRO
LIVRARIO ANTIQUARIO
Mercado de Livros, Estampas, Autógrafos

Especialidades: Livros raros e
livros antigos sobre o Brasil

LIVRARIA SAO JOSE
Rua São José, 38
Rio de Janeiro



A SEREIA



BRASIL

A SEREIA

A SEREIA

A SEREIA

BIBLION



A SEREIA é dirigida, ilustrada, impressa, encadernada e distribuída por Manuel Segalá, que se responsabiliza pela tiragem de mil exemplares. A composição é de Sylvio Medeiros e de Carlos dos Santos Silva.



A SEREIA não pretende, não espera nem pede nada. Quer, apenas, falar um pouco de poesia.



A SEREIA terá uma existência de dez números, somente. Este é o segundo.

CADERNO NÚMERO DOIS DE

A SEREIA



REVISTA DE POESIA DE
PHILOBIBLION

A poesia é necessária.
Rubem Braga

O poema preferido por o autor

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

UM BOI VÊ OS HOMENS

*Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo especial, pôsto se apresentem
nobres*

*e graves, por vêzes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-iam não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam
tristes*

e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

*Tôda a expressão dêles mora nos olhos — e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.*

*Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fra-
gilidade,*

*e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reintrâncias e que*

impossibilidade de se realizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se
fazem

perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor,
ciúme

(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tom-
bam no campo

como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

JEAN GENET

.....
CERTAINS matins, tous les hommes connaissent
avec la fatigue un accès de tendresse qui fait bander.
Il m'est arrivé une aurore de porter d'amour sans
objet mes lèvres sur la rampe glacée de la rue
Berthe, une outre fois d'embrasser ma main, puis
encore, n'en pouvant plus d'émotion, de désirer
m'avaler moi-même en retournant ma bouche dé-
mesurement ouverte par-dessus ma tête, y faire
passer tout mon corps, puis l'Univers, et n'être plus
qu'une boule de chose mangée qui peu à peu
s'anéantirait: c'est ma façon de voir la fin du
monde. Divine s'offrait à la nuit afin d'être dévorée
de tendresse par elle et jamais plus vomie. Elle a
faim. Et rien alentour.

.....
IL lui fallait cet espoir pour supporter la na-
ture. Haissable nature, antipoétique, ogresse avalant
toute spiritualité. Ogresse comme la beauté est
goulue. La poésie est une vision du monde obtenue
par un effort, quelquefois épuisant, de la volonté
tendue, arc-boutée. La poésie est volontaire. Elle
n'est pas un abandon, une entrée libre et gratuite
par les sens; elle ne se confond pas avec la sensua-
lité, mais, s'opposant à elle, naissait, par exemple,
le samedi, quand on sortait pour nettoyer les cham-
bres, les fauteuils et les chaises de velours rouge,
les glaces dorées et les tables d'acajou, dans le
prè vert tout proche.

.....
(De NOTRE-DAME-DES-FLEURS)

Poesia brasileira

ZILA MAMEDE

SONETO PARA A MOCIDADE HOLANDÊSA

ITINERANDO chuvas e nevadas
Os mares se antecipam volumosos
Nas águas para o beijo de outras águas,
Nas terras para a morte de outras terras.

Planície investigando lama e caos
No estágio de criança em luto e espumas.
Navios inumanos absorvendo
Canções de morta carne adolescente.

Os mares bipartindo dique e faces:
Sofrida baixa terra oceanizada
Os seus humanos peixes navegando.

Depois, a funerária pescaria;
Depois, as esqueléticas memórias
Nos olhos das tulipas defloradas.

ANIBAL M. MACHADO

INICIATIVAS

FAÇA o que lhe digo. Solte primeiro uma borboleta.
Se não amanhecer depressa, solte outras de cores diferentes.
De vez em quando, faça partir um barco. Veja onde vai. Se for
difícil, suprima o mar e lance uma planície.
Mande um esboço de rochedo, o resto de uma floresta.
Jogue as iniciais do lenço. Faça descer algumas ilhas.
Mande a fotografia do lugar, com as curvas capitais e a cópia
dos seios.
Atire um planisfério. Um zodíaco. Uma fachada de igreja. E os
livros fundamentais.
Sirva-se do vento, se achar difícil.
Eles estão perdidos. Mas nem tudo o que fizeram está perdido.
Separe o que possa ser aproveitado e mande. Sobretudo as
formas em que o sonho de alguns se cristalizou.
Remeta a relação dos encontros, se possível. E o horário dos
ventos.
Mande uma manhã de sol, na íntegra.
Deixe baixar a caixa de música com o barulho dos canaviais
e o apito da locomotiva.
Veja se consegue o mapa dos caminhos.
Mande o resumo dos melhores momentos.
As amostras de outra raça.
Com urgência, o projeto de uma nova cidade.

Poesia brasileira

LAURA CONSTANCIA
AUSTREGÊSILO DE ATHAYDE

DOIS POEMAS

CHOVE

Chuva grande

Enquanto eu choro

Chove

Chuva rala

Enquanto eu olho

Será mesmo chuva

O que chove

Ou apenas lágrimas de meus olhos

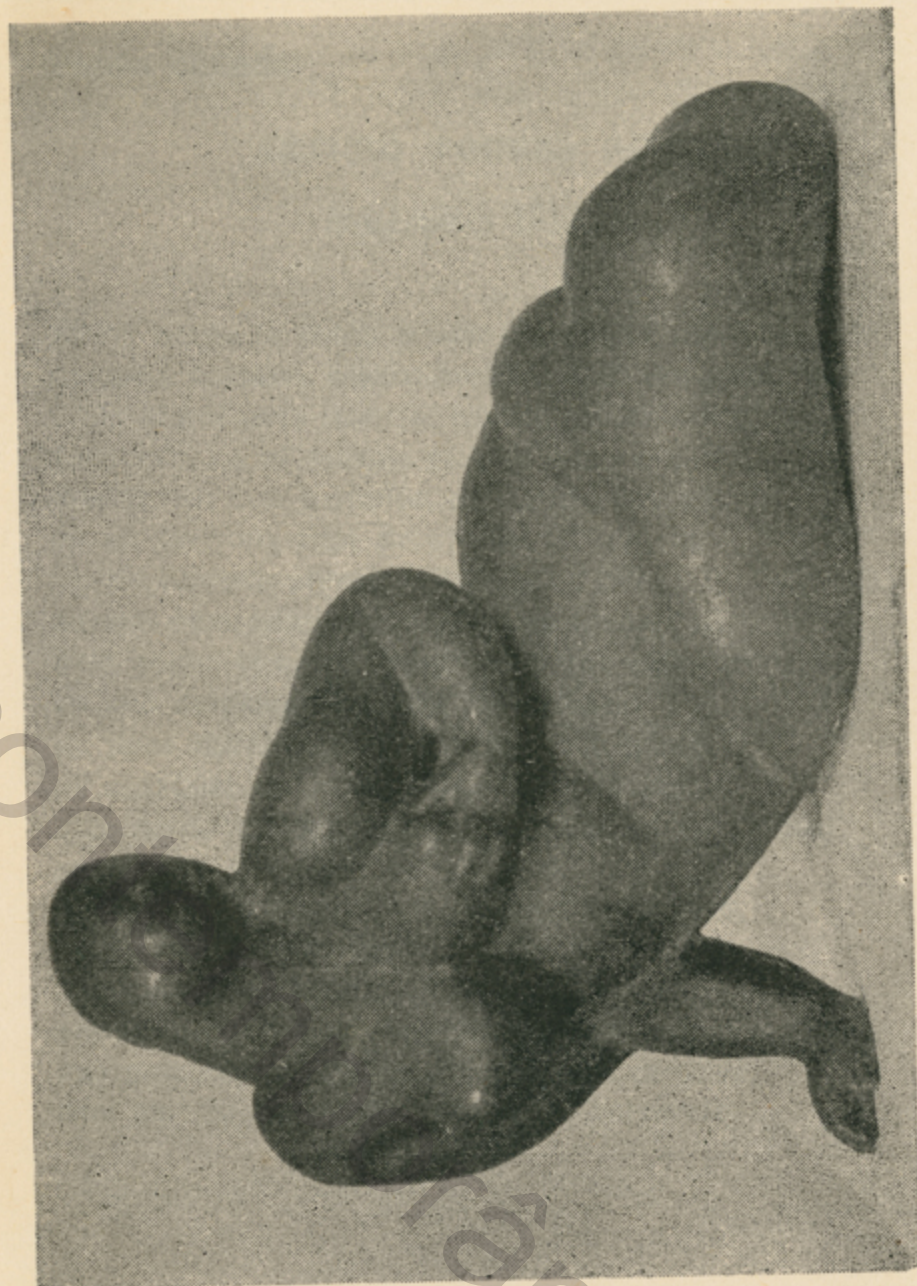
Que choram.

NÃO há certo ou errado

Só há você

E eu.

(Do livro POEMAS, editado por PHILOBIBLION
em 1954)



Bronze de Sérgio de Camargo

SEREIA

Poesía chilena

ARTURO TORRES RIOSECO

PÁJARO HERIDO

*ESTA noche te tengo prisionera en mi angustia,
pequeña y suave, pájaro herido en la tormenta,
como si hubieras muerto, lejana, en las estrellas.*

*Eres mía, en el mundo que no conoce nadie,
disuelta en mis pestañas, debajo de mis uñas,
en un perfume tuyo debajo de mi lengua,
en mi voz que parece salida de tu boca,
en mis ojos pesados de llevar tu recuerdo.*

*Esta noche te siento gemir bajo mis sábanas,
en una despedida poblada de visiones,
en unas calles largas, silenciosas de nieve,
en un túnel sin fondo, lleno de luces verdes.*

*Esta noche te tengo más que nunca en mi abrazo,
encima de la carne, sobre el aire, más alta
que todas las mujeres que mi piel rememora,
interminablemente dentro de mi cerebro,
tú, raíz de mi mismo, dolor inacabable,
angustia que no tiembla debajo de mis ojos.
Tus palabras se doblan sobre mi piel cansada,
alas que ya no pueden cruzar el horizonte,*

tus ojos que llegaron mojados de tormenta
se desmayan medrosos al lado de mis dedos,
y te recojo entera, prisionera en mi angustia
como si hubieras muerto, lejana, en las estrellas.
Y afuera está la noche definida y concreta,
y hay hombres que caminan y mujeres en fiesta,
y ciudades que cantan y besos en la sombra,
y trenes que se arrastran en rieles de tragedia.
Y afuera está tu cuerpo desconocido y otro,
entre gentes que nunca sabrán que estás ausente,
prisionera en mi angustia, debajo de mis sienes.
Lejos está tu cuerpo, en una alcoba negra,
en un lecho que hundieron mis rodillas en fiebre,
en un lecho de piedra donde duerme mi cuerpo
junto a tu cabellera desmayada en el sueño.
Pero suave y desnuda respiras en mi lecho,
y mi dolor te cubre como si hubieras muerto,
en esta noche larga te abrazas a mi cuerpo,
sin palabras, sin forma, sin espacio ni tiempo.
Y yo te siento mía, profunda, sin anhelos,
como si hubieras muerto, lejana, en las estrellas.

Poesia brasileira

LEONTINA FIGNER

CANÇÃO DA SOLIDÃO PERDIDA

PERDI a minha ungida solidão
e minha alma encheu-se de temores.
Como é inumerável
o tempo do preságio da nova manhã.
A pureza primeira,
em essência e autenticidade,
ergue-se como o canto da terra.
E é virgem e fluida
como a seiva nova no mistério das raízes.
O destino se compõe
alheio a qualquer vontade
e tece de sol e orvalho a fina trama.
O amanhã está pronto.
Será surpresa apenas para o incauto.
Acendei vossas lâmpadas para alumiar-me
enquanto não vem o dia.

(Do livro POEMAS, próxima edição de PHILOBIBLION)

CECÍLIA MEIRELES
ESPÊLHO CEGO

ONDE, a face de prata e cristal puro,
e aquela deslumbrante exatidão
que revela o mais breve aceno obscuro

e o compasso das lágrimas, e a seta
que de repente galga os céus do olhar
e em margens sôbre-humanas se projeta?

Onde, as auroras? Onde, os labirintos,
— e o frêmito, que rasga o pêso ao mar,
— e as grutas, de áureos lustres e aéreos
plintos?

Ah! — que fazes do rosto que te entrego?
— Musgos imóveis sôbre a sua luz...
Limos... Líquens... — Opaco espelho cego!

Espelho cego

Onde, a face de prata e cristal puro,
e aquela deslumbrante exatidão
que revela o mais breve aceno obscuro
e o compasso das lágrimas, e a seta
que de repente galga os céus do olhar
e em margens sôbre-humanas se projeta?

Onde, as auroras? Onde, os labirintos,
— e o frêmito que rasga o pêso ao mar,
— e as grutas, de áureos lustres e aéreos plintos?

Ah! — que fazes do rosto que te entrego?
— Musgos imóveis sôbre a sua luz...
Limos... Líquens... — Opaco espelho cego!

Cecília Meireles —

Poesia Norte americana

EDGAR A. POE

A ALGUÉM NO PARAÍSO

TUDO quanto anelei foste, amor,
tudo quanto minha alma queria:
ilha verde nos mares, amor,
templo, fonte, que límpida fluía
num jardim de encantado primor,
onde a mim cada flor pertencia.

Ah! o sonho fulgiu demais, para
persistir! Foi anseio estrelado
que morreu, mal surgira e brilhara!
Diz-me "Avante!" o Futuro, em voz clara;
não o escuto! Sòmente o Passado
(triste abismo) é que o espírito encara,
mudo, lívido, petrificado.

Sim! A luz me fugiu desta vida!
Foi-se a chama! Ficaram-me os ais.
Nunca mais, nunca mais, nunca mais,
(ah! com essas palavras fatais
fala às praias a vaga abatida)
fronde, ao raio tombada, jamais
te hás-de erguer, nem tu, águia ferida!

E meus dias em êxtases passo,
e meu sonho procura no espaço
teu olhar, onde quer que o escondas,
e o fulgor dé teus rastros, o traço
de teus pés, em celestes, mil rondas,
junto a eternas, incógnitas ondas.

(Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado)

Poesia catalana

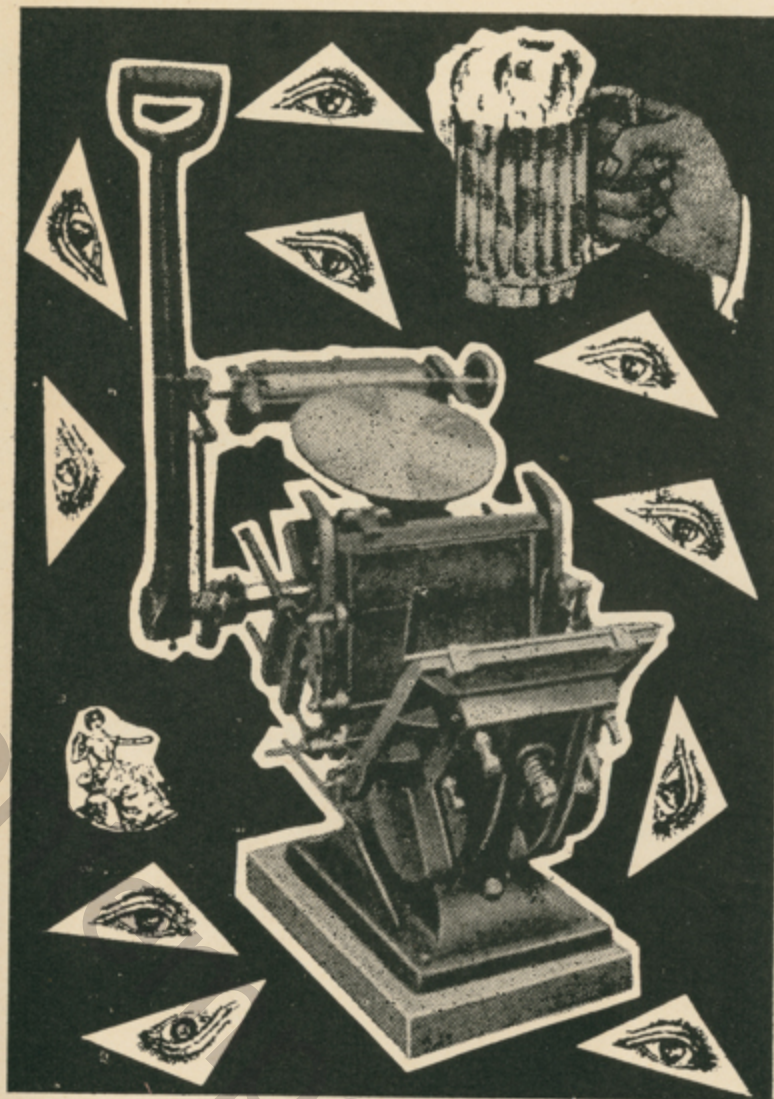
CARLES RIBA

ELEGIES DE BIERVILLE

II

SÚNION! t'evocaré de lluny amb un crit d'alegria,
tu i el teu sol lleial, rei de la mar i del vent:
pel teu record, que em dreça, feliç de sal exaltada,
amb el teu marbre absolut, noble i antic jo com ell.
Temple mutilat, desdenyós de les altres columnes
que en el fons del teu salt, sota l'onada rient,
dormen l'eternitat! Tu vetlles, blanc en l'altura,
pel mariner, que per tu veu girat el seu rumb;
per l'embriac del teu nom, que a través de la nua
garriga

ve a cercar-te, extrem com la certesa dels déus;
per l'exiliat que entre arbredes fosques t'albira
súbitament, oh precís, oh fantasmal! i coneix
per ta força la força que el salva als cops de fortuna,
ric del que ha donat, i en sa ruïna tan pur.



A VERÓNICA é mais ou menos uma
pessoa: é uma prensa manual que faz
poesia...

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Poesia latina

PROPERCIO

ELEGIA XI

A CYNTHIA

QUE outros falem de ti, ou relegada
sejas ao esquecimento. Que importa?
Louvar-te é deitar grão em terra estéril.
Se de um só leito o negro dia da morte
levar-te-á com todos os teus dons;
e nenhum viandante ao passar dirá:
“Esta cinza foi, uma douda jovem”.

(Vito Pentagna traduziu direta e livremente)

Poesia francesa de um brasileiro

CHRISTOVAM DE CAMARGO

POÈME

*L'ENFANT s'est assoupi
terrassé par la fièvre.
Ses pommettes sont rouges
comme deux petites lunes d'été.
Sa respiration fait un bruit étrange,
on dirait un caniche agacé.*

*Courbée sur lui,
les yeux hagards,
sa mère boit son sommeil,
— c'est la mort, c'est la vie?
L'enfant fait un mouvement
et appelle — maman!*

*— Dors, dors, mon petiot,
la nuit est longue,
le jour viendra,
tu guériras
et ta maman
te mènera
voir les oiseaux
près de l'étang...*

(Do livro POÈMES DE LA NUIT, próxima edição
de PHILOBIBLION)

Poesia panamenha

ROQUE JAVIER LAURENZA

AL TIEMPO

*Si las horas ya son tiempo perdido
de la dulce de ayer que nos juntara,
si el tiempo que pasó ya nos separa
y el que vendrá parece detenido,*

*corre, Tiempo veloz, despavorido
y hazte pasado nuevamente para
del tiempo triste que lo terminara
rehacer las horas del amor perdido.*

*Mas si del tiempo que me desampara
volver no puedes al ayer florido,
si nada de mi amor allí quedara*

*porque su fuego fuera consumido,
entonces, Tiempo del presente, pára.
¡La ceniza del tiempo es el olvido!*

Poesia Norte americana

ARCHIBALD MACLEISH
OS MORTOS DE ESPANHA

ISTO será vingado.

As lágrimas não tiveram réplica, mas isto será
vingado.

As lágrimas de Madrid Barcelona Valência

As lágrimas não tiveram réplica.

O sangue de Guernica Badajoz Almeria

O sangue não foi revidado.

As lágrimas endurecem sôbre as faces.

O sangue está enxuto sôbre a areia.

As lágrimas não tiveram réplica: o sangue não
teve resposta.

Mas isto será vingado.

Porque os homens de Guernica não falam

Porque as crianças de Almeria jazem no silêncio

Porque as mulheres de Badajoz estão caladas

Estão mudas e não têm mais voz não têm mais
VOZ

Suas gargantas estão obstruídas pelo pó daquele

país.

Elas não falam não falaram jamais as crianças
As crianças de Almeria estão paralisadas
Não se movem estas crianças jamais darão um
passo

Seus corpos estão esmagados seus ossos parti-
dos e suas bocas rasgaram —

Porque elas estão mortas e caladas porque elas
estão mudas

Não se acredite

Não se acredite que não virá a resposta.

Não se acredite

Porque as lágrimas não foram revidadas

Que a mentira não terá resposta.

Não se acredite nisso.

Isto será vingado.

Isto será vingado com tempo

Ainda há tempo.

Os mortos têm tempo naquelas cidades

Em Badajoz em Guernica Almeria

Eles podem esperar: eles têm muito tempo

Há tempo

Eles podem esperar.

(Trad. de Domingos Carvalho da Silva)

Poesia brasileira

NENI SALVINI

DOMINGO HOJE

DOMINGO hoje,
e longe de chegar
ao absoluto
em meio a êste pó
mastigado todos os dias
a essa côr de pó
igual
em cada rua,
em cada rosto
perdido — sôlto.

O infinito não toca
a face,
desmembrada a existência
em cada quadrado.

E quando o domingo
vem enorme
sem regresso,
não floresce a mesma água
debaixo da ponte
e só o pó permanece
igual
em cada rua — em cada rosto.

ALCIDES PINTO

POEMA

APANHOU a noiva que estava repousando no sumier e atirou-a com violência para o teto. Mas o corpo plástico fixou-se sob o fôrro como uma pintura delicada de Boticelli. Já que a noiva agora era apenas um retrato, uma figura esmaecida de um indiferentismo enigmático no olhar de sombras roxas, êle abriu uma das coxas para tirar o coração que estava sangrento e escuro. Para êle convergiram os milhões de sóis dos seus olhos alucinados. E de repente o coração abrasou-se em chamas azuis e exterminou-se. Embora que tudo agora lhe parecesse princípio vago e silêncio insupesto, havia, contudo, a angústia das pernas que lhe trucidava. Então começou a arrancar as falanges e escarnar as tíbias com que improvisou um tabuleiro onde se pôs a jogar e a sorrir. Erguendo o esqueleto e os longos braços em arco, de onde se evacuou um pesado rôlo de sombras côncavas à forma de seus sovacos marinhos, sob e sôbre o ângulo de si mesmo se precipitou e reproduziu-se em sessenta e sete facêtas diferentes. Assim, multiplicado e indivizível, sôro de peixe e mescla de ave, pôde, afinal, voltar à calma das nuvens e das enseadas.

Este segundo número de



A SEREIA

foi impresso na prensa manual *A VERÓNICA* por Manuel Segalá, impressor-editor de *PHILOBIBLION*, e terminou-se na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro no ano de mil novecentos e cinquenta e cinco.

Outubro de 1955



A SEREIA

Pintores e Sambistas,
Padres e Boêmios,
Granfinos e Proletários,
Capitalistas e Poetas,

TODOS ESTÃO LENDO

“VIAGEM DA MINHA VIDA”

memórias do querido Di Cavalcanti.

Cr\$ 90,00 em todas as livrarias

Um lançamento da

**EDITORA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.**

O NÚMERO TRÊS DE



A SÉRIE

SERIA DEDICADO A NOVA
POESIA BRASILEIRA DO
RIO DE JANEIRO E SÃO
PAULO.
A SELEÇÃO E DE AL-
CIDES PINTO.

instituto de arte contemporânea

Instituto de arte contemporânea



1122

